

MULHERES DO CLONE: uma igualdade não cogitada

A novela *O Clone*, veiculada, no horário nobre, pela rede Globo de televisão, traz, em sua trama, elementos que permitem comparação entre o mundo oriental e o ocidental, especialmente entre o Marrocos e o Brasil. A representação do Brasil está restrita a fragmentos do Rio de Janeiro: praia, calçadão, a gafieira, escola de samba, bairro popular (com bar, oficina etc.), personagens “típicos” como a figura do malandro e, principalmente, os cartões postais de Rio de Janeiro como o Cristo Redentor, Copacabana e Pão de Açúcar. No que se refere ao mundo oriental, projeta-se ambientes privados (a casa do tio Ali, por exemplo) e neles, uma representação do campo econômico através da exposição de tanques para o tingimento de peles e tecidos, atividade econômica do patriarca.

Os elementos que constituem as características do Marrocos sugerem um lugar que não acompanhou o tempo. A primitividade das trocas econômicas está indicada por um único mercado que comercializa, basicamente, véus e ervas. Não são mostrados empresas, indústrias e até mesmo o local onde se compra ouro. A presença de camelos remete a um cenário “bíblico”, com tendas e beduínos, muito distantes do universo dos aeroportos, tão utilizado como instrumento que faz a ponte entre os dois mundos.

O universo feminino, dentro do núcleo muçulmano merece uma atenção específica. Como em toda novela há uma distribuição de papéis com maior e menor visibilidade. Essa

regra também se aplica a este núcleo. Jade, Latifa, Zoraide, Nazira, Rânia, Samira e Radijha são as que têm maior presença. Estas têm falas individualizadas, enquanto que há outras que representam um coletivo anônimo. Trata-se do mundo das criadas, que vivem, preferencialmente, nos bastidores domésticos. É esse conjunto de personagens que é encarregado de falar em árabe. É o modo de falar relembra a primitividade. Em lugar dos modos polidos, elas “descarregam palavras” que, pronunciadas em voz alta, lembram gritos. Em geral, suas falas são “autorizadas” diante de situações imperativas, basta lembrar que elas não são vistas pela casa a conversar. Uma característica marcante é o fato de que essas falas não são traduzidas, não se conferindo, portanto, importância a elas. Pode-se dizer da existência de um “silêncio rumoroso” que qualifica as falas como meros ornamentos.

As criadas são primitivas pelo efeito da fala não cuidada e pelo lugar que essa fala ocupa na hierarquia dos discursos. Essa característica nos remete às condições de participação na vida social, através das palavras. A decisão pela não tradução do discurso é reveladora de seu status inferior e, portanto, do status do sujeito que o pronuncia.

No “núcleo ocidental” é discreto o número de criadas, suas presenças estão restritas às casas de Leônidas e Tavinho, personagens mais poderosos economicamente, dentro da trama. Comparando-se com o núcleo anteriormente descrito, nota-se, claramente, uma diferença no que se refere ao volume. Os

lares brasileiros comportam poucos serviçais, com fardamento característico, segmentação das funções e suas aparições são estrategicamente raras, diferentemente das muçulmanas que se apresentam como uma amálgama.

Até mesmo quando as personagens serviçais rompem a barreira do silêncio, como no caso de Zoraide e Dalva seus discursos não são estruturados a partir de suas demandas pessoais: elas são verdadeiras caixas de ressonância dos desejos e projetos dos outros. São figuras protetoras, muito presentes no mundo das novelas e idealizadas no mundo real. É frequente desejar uma pessoa leal, amável, cuidadosa, atenciosa e conhecedora dos seus limites e obrigações para compor a estrutura do lar. Dalva e Zoraide são figuras que, apesar da intensidade de suas falas, são acomodadas à dimensão de um meio através

do qual perpassam os dramas dos protagonistas. Também aí, pode-se constatar uma fala não própria, é como se as personagens emprestassem suas vozes às vidas alheias. E, nesse sentido, essa construção simbólica é, estruturalmente similar nos dois mundos que, na novela, são mostrados como antagônicos.

Tanto o discurso ornamental quanto a fala-objeto lembram uma carência no que se refere à condição de muitas mulheres que ainda hoje estão submetidas a restrições no que diz respeito à tomada de posição dentro da nossa sociedade. O medo de falar, o hábito de silenciar-se ainda fazem parte do universo feminino. É bom recordar que o acesso à fala, à construção do discurso próprio é muito importante para a construção de uma sociedade marcada pela participação social.